

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

Director literario:

Accipiter
PAPIM

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malta
PAPUSSE

O LAGO DO MOSTEIRO

Por PEDRO DE MENEZES
DESENHOS DE EDUARDO MALTA



RA uma vez um mosteiro muito antigo onde se abrigavam várias freiras. Um mosteiro que ficava no cimo duma alta serra, no qual se dizia que ali costumava o sol descansar durante a noite. Em volta do mosteiro existia um grande parque que tinha muitas árvores. Nêsse parque havia um lago dentro do qual e no centro se erguia um repuxo e em volta dêle, baloiçando nas águas intranquillas da lagoa, um lindo cisne branco que mais parecia,

de noite, uma nódoa de luar, do que um verdadeiro cisne. Em volta do lago reuniam-se, às vezes, as freiras, contando as suas aventuras e o seu passado: — o de umas cheio de mistério, o de outras duma serenidade completa, o de outras ainda, duma tristeza tão profunda que, ao debruçarem-se no lago, as lágrimas caíam, lèvemente, sôbre a superfície trêmula das águas. Um dia, uma das freiras perguntou à mais velha porque motivo seria que, de noite, a água do repuxo que não cessava de cair dentro do lago, ora parecia chorar ao tombar, ora parecia cantar uma lenta e longa canção de suave ternura que causava medo e tristeza. À mais velha das freiras respondeu que não sabia. Numa vez que apenas as duas, passeando pelo parque se acercaram da lagoa, disse que o lago estava encantado e que o repuxo e o próprio cisne eram ainda um motivo de feitiço. A freirinha que fizera a pergunta, estremeceu e mais ainda quando lhe disseram que só conseguiria saber bem a história daquele lago, quem fôsse capaz de, à última badalada da meia noite, batida na tórre do castelo que ficava fronteiro e que estava abandonado, não dormir e descer a escadaria do mosteiro para se acercar da lagoa.

— «Hei-de-o conseguir eu!» — disse a freirinha.

— «Impossivel, minha irmã» — respondeu a mais velha

— «passei anos e anos para o tentar e o sono, um sono misterioso e violento, venceu-me sempre».

— «Experimentarei» — retorquiu a outra.



(Continua na página 4)



O ELEFANTE BRANCO

Por FERNANDO CARDITA
Desenhos de EDUARDO MALTA

(CONCLUSÃO)

UMA chicotada foi a resposta do Pachá que, cheio de raiva, fê-la prender e trazer à força para o palácio, onde a mandou vestir de rainha.

Flordovale quiz resistir, mas a tristeza venceu-a e decidiu deixar-se morrer à fome.

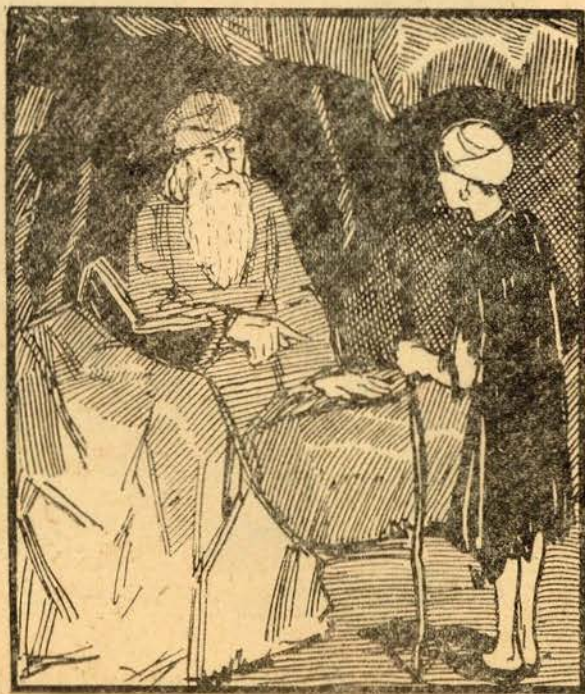
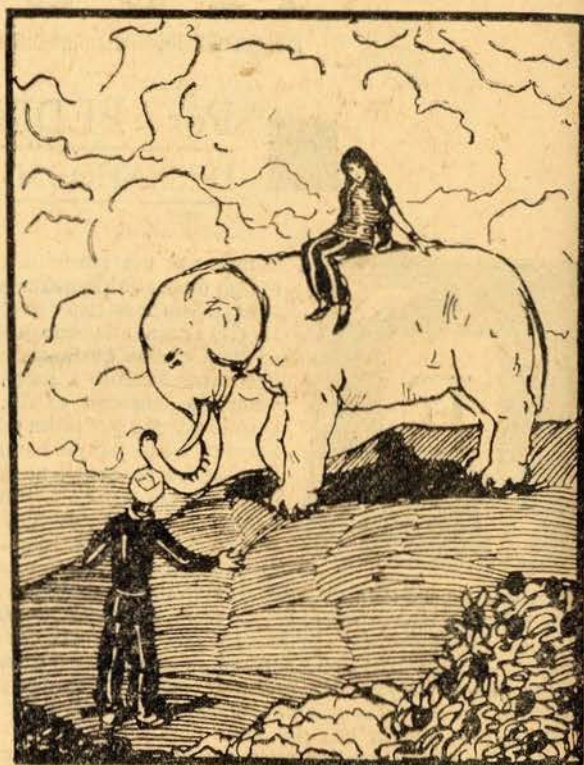
Nesse dia não comeu nem nos dias seguintes, mas nem por isso podia evitar de ver o rei, que todos os dias lhe trazia joias e fatos novos de riqueza surpreendente.

Alih, sabendo o que se tinha passado, por intermédio de uma velha criada que tinha sido sua ama, mandou-lhe recado para mudar de conduta, mostrando-se muito grata ao rei, e muito alegre, para êle ser posto em liberdade e salvá-la.

Flordovale assim fez.

Logo que Flordovale cantou e riu na presença do rei, mostrando-se contente, o príncipe foi posto em liberdade e grandes festas começaram.

Passaram-se alguns dias assim, mas Alih não descançava. Com o pretexto de ir caçar, dirigiu-se à montanha do Sul,



onde ouvira dizer que vivia um velho mágico, muito bom, que valia sempre aos pobres e aos infelizes. Vestido pobremente, com o fato muito velho e rôto, Alih foi ter à montanha onde havia uma pequena gruta cavada nos rochedos.

Quando lá chegou, viu um velho de grandes barbas brancas, e de aspecto muito nobre e bom, que lia num grande livro escrito em letras muito grandes e douradas.

Ao ver o príncipe, o velho perguntou:

— Quem és, e o que procuras?

— Sou um pobre caçador, que vem implorar a vossa compaixão para a minha noiva, que me foi roubada pelo rei cruel destes reinos, o qual me fez prender e ma roubou.

Mas o velho, enquanto Alih falava, olhava-o fixamente. Mal êle se calou, disse-lhe, zangado:

— Para que vens mentir-me? Julgas, talvez, que eu não sei quem tu és, pobre ignorante? O teu nome é Alih; és fi-

lho do rei, e eu, como sabes, só ajudo os fracos e os desgraçados.

Ao ouvir isto, o príncipe ficou muito aflito e, pondo-se de joelhos, gritou, com as lágrimas nos olhos:

—Então não sou eu bem fraco, apesar de príncipe, e bem desgraçado? Achas pouco o não poder dispôr de nada, nem de mim mesmo sequer. Roubarem-me até aquela a quem amo?!

O mágico, tocado com o tom triste do príncipe, prometeu ajudá-lo e deu-lhe um anel de vidro branco, dizendo-lhe:

—Quando te vires aflito, parte êste anel e dize: valha-me o velho da montanha e verás...

O príncipe partiu, depois de lhe ter agradecido muito. Quando chegou ao palácio, nem perguntou por Flordovale.

O rei, julgando que já não se lembravam um do outro, saltava de contente e planeava fazer da rapariga sua mulher, o mais depressa possível.

Uma noite, foi ter com ela, e disse-lhe:

A'manhã, casamo-nos; prepara-te para seres rainha!

Flordovale, mal o rei saiu, desatou a chorar e, pela ama de Alih, mandou-o avisar.

Imediatamente o príncipe quebrou o anel e disse aquelas palavras mágicas que o velho lhe tinha ensinado,

Logo lhe apareceu um génio que lhe disse: Estou aqui para te obedecer; manda.

O príncipe, ao ver surgir do chão um gigante daquele tamanho, sentiu-se assustado, mas, como era corajoso, pediu-lhe para o ajudar a salvar a princesa. Nisto achou-se transportado, pelo ar, para os campos, onde viu um enorme elefante branco, onde Flordovale estava montada.

Mas, só Alih os via, pois, para todos os mais, êle era invisível. Corria mais do que o melhor cavalo do mundo.

Assim, enquanto todos dormiam, Alih e Flordovale afastaram-se do palácio do mau rei, e chegaram a uma terra muito distante, onde acharam outro palácio e um grande jardim.

Então, appareceu-lhes o velho da montanha, que lhe fez presente do palácio e dos parques que o rodeavam e os fez muito ricos e muito felizes.

A' sua felicidade, apenas faltou uma coisa; foi que o pai de Flordovale fosse desencantado, porque a rainha das fadas recusou-se a fazer-lhes essa vontade.

O rei, ao dar por falta da menina, estoitou de raiva, com grande alegria do povo, que escolheu outro rei e nunca mais foi maltratado injustamente. Quanto ao elefante branco, outro não era senão o velho da montanha, que só ao fim de muitos anos é que morreu, muito contente de ter espalhado o bem à sua volta.

F I M

BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM

AVISO IMPORTANTE

Encontra-se quási esgotado

O LIVRO DE OIRO INFANTIL

constituído pelos 5 volumes já publicados

MAIS DE 300 DESENHOS A CORES

PREÇO

30 escudos cartonado — 25 escudos brochado

20 % de desconto aos assinantes do SECULO

Pedidos à nossa Administração

BREVEMENTE

AVENTURAS COMICAS

POR

PÁPIM, PAPUSSE & C.^ª



A freira mais velha olhou-a com uma expressão que a fez estremecer e que encerrava uma ameaça.

— «Até aquela que tentar desvendar este mistério!» — balbuciou em tom de rancor a informadora. Separaram-se as freiras.

Caíu vagarosamente a tarde sobre a alameda. Veio a noite. O silêncio apossou-se do mosteiro. No castelo abandonado apenas se via a hera trepando de pedra em pedra e as janelas completamente fechadas. Era um castelo onde tinha existido, havia muitos anos, um cavaleiro que em determinado dia tinha desaparecido sem se saber bem como e do qual se não soubera nunca mais.

Depois da sua longa ausência também o seu escudeiro desapareceu e as portas fecharam-se para nunca mais se abrirem. O mais completo abandono o rodeou. Só o relógio da torre, no cimo da qual havia um velho sino, continuava a trabalhar de noite e de dia, tangendo sempre dolorosamente, segundo diziam, à meia noite. Essa hora nunca por nenhuma freira fora ouvida, porque todas dormiam. Na noite seguinte àquela em que tinham conversado as duas freiras, o mesmo sono abraçou as habitantes do mosteiro.

Quando a freirinha acordou, passava muito da meia noite. Esperou assim muitas e muitas noites, até que um dia andando sozinha pelo parque, demorou-se à beira do lago e sobre ele se debruçou. No fundo, — reparou com surpresa, — havia uma chave grande, uma chave de prata. Admirada com o achado, tentou apanhá-la, primeiro arregaçando as largas mangas do hábito, depois debruçando-se mais e por fim com o auxílio duma vara. Nunca conseguia atingir o fundo do misterioso lago.

Já ia para se retirar desgostosa, quando viu que o cisne se aproximava dela, mergulhava o pescoço nas águas profundas do lago, trazia à superfície a preciosa chave e, conduzindo-a no bico, lha entregava. A que porta pertenceria aquela chave?! Como que querendo interrogar o lago, perguntou em voz alta:

— «Onde servirá esta chave?»

Súbito, uma gota de água se desprendeu do repuxo, se transformou numa ave transparente que levantando vôo foi poisar sobre o portão do castelo abandonado. A freirinha compreendeu e, apressadamente, tomou a direcção indieada pela enigmática ave, que, pouco depois, desaparecera misteriosamente. Meteu na fechadura do velho portão a chave que recebera do bico do cisne, deu-lhe uma volta e o portão abriu-se. Em sua frente viu uma escadaria limpa como se o tivesse sido poucos momentos antes. Subiu-a. Entrou num salão onde encontrou lindas mesas, valiosas cadeiras e candelabros de fino ouro. Sobre uma das mesas estava um pergaminho escrito. Desdobrou-o e leu-o. Dizia o seguinte: «Aquele que quizer resistir ao sono dominador das badaladas da torre dêste castelo, tem de humedecer levemente os olhos com uma gota de água do repuxo do lago do mosteiro. Para o conseguir basta dizer três vezes, à beira do referido lago, que é aquela que pretende não dormir».

Abandonou no mesmo lugar o misterioso pergaminho. Desceu lentamente a escadaria, onde, em cada degrau, havia um dragão adormecido, e, fechando com cuidado a porta do castelo, embrenhou-se nas alamedas do parque do mosteiro, acercando-se de novo das águas da lagoa. Repetiu três vezes: — «Sou aquela que pretende não dormir».

Súbito desprendeuse da água do repuxo uma pequena gota que se transformou, de novo, em ave transparente e que foi poisar, desaparecendo em seguida, sobre os dedos brancos e esguios da sua mão direita, deixando-lhos húmedecidos. Levou-os aos olhos.

Acercou-se do mosteiro. Anoiteceu. Não dormia. Ouviu de repente, passado tempo, as badaladas da torre fronteira.

A primeira, levantou-se. Saiu da cela. Desceu ao parque. Acercou-se do lago. E à última badalada este transformou-se num rio, o cisne num barco e o repuxo num belo cavaleiro que saltou para dentro, começando a remar, a remar...

Dirigiu-se à margem oposta àquela em que estava a freirinha, desembarcou e acercou-se do castelo. Depois, o barco desprendeceu-se da margem em que estava encostado e tomou a direcção da freirinha. Embarcou nêle e entrou, também, passados momentos no misterioso castelo. O cavaleiro estava sentado no salão onde encontrara o pergaminho e disse à recémvinda:

— Senhora, uma bruxa me enfeitiçou, uma mulher me há-de quebrar o encanto.

— Que é preciso para que tal suceda?

— Ir à meia noite, ao bater da última badalada da torre d'êste castelo, que é o castelo onde eu nasci, cortar a rosa mais alta da roseira que fica à porta do mosteiro. Para isso é preciso matar um besoiro negro que está poisado sobre as suas pétalas toda a noite e que só pode ser morto pelo bico duma daquelas aves transparentes que nascem duma gota de água do repuxo do lago do mosteiro. Para alcançar essa ave, precisa de levar na mão uma gaiola de marfim que um anão há-de vender hoje à porta do mosteiro e que só a venderá a quem lhe perguntar: — «Que avezinhas guarda esta gaiola?» Quando êle responder: — «Aves de água», terá de acrescentar a compradora: — «Venda-ma que eu não

tenho sôno». Deve depois pagar-lha com esta moeda, porque de contrário a gaiola transformar-se-há em fumo».

E o cavaleiro desapareceu depois de dar à freirinha uma moeda de oiro do feitio duma estrêla. Quando ela desceu a escadaria já o rio e o barco não existiam.

No dia seguinte sucedeu o que o cavaleiro tinha dito. O anão vendeu-lhe a gaiola. Levou-a na mão até perto do lago e abriu-lhe a porta. Desprendeceu-se, tal qual como já tinha sucedido duas vezes, uma gota de água do repuxo, transformou-se em ave duma transparência assombrosa e entrou na gaiola que a freirinha fechou imediatamente. Esperou que viesse a noite e que o sino misterioso badalasse a meia noite. Acercou-se da roseira, abriu a gaiola, a ave mordeu no besoiro e matou-o. A freirinha colheu a rosa e subito ouviu-se um grito: — Quem te ensinou o meu segrêdo? Nessa voz reconheceu a freirinha a voz da sua companheira mais velha que lhe dissera haver bruxedo no repuxo. A rosa desfolhou-se e desapareceu ao mesmo tempo que a hera, que cercava o castelo abandonado, secava, as janelas se iluminavam e se abriam e ao lado da freirinha aparecia o cavaleiro sobre um fogoso e branco cavalo em que o cisne se transformara. Apeou-se e beijou-lhe delicadamente as mãos.

A freirinha fugiu do mosteiro e casou com o cavaleiro, que fora enfeitiçado pela velha freira porque por êle se apaixonara e lhe não correspondera.

Os dragões adormecidos da escadaria do castelo transformaram-se em escudeiros e os noivos viveram largos anos muito e muito felizes.



IVO
SAN-
CHES

F
O
I



A'
CA-
ÇA

P
O
r

GRACIETTE BRANCO
DESENHO DE EDUARDO MALTA



O Ivo Sanches um dia
quiz ir à caça também.

—Que alegria! que alegria
ao despedir-se da mãe!

O Pai, levando a espingarda,
caminha... vai na vanguarda.

E o lindo olhar do pequeno,
brilha,
rebrilha
sereno,
volteja,
todo lampeja,

em seu vôo imaginário,
no bucólico cenário
de madre-silvas e feno...

—«Pai!
Olha além, um passarinho!
...—Pum!...»

—E logo cai
um
quási a expirar,
Como um ai,
Na brancura do caminho.

Veu tompar
e rolar,
aos pés do Ivo, que assiste
à tragédia singular;
mas, subitamente, triste,
desatou a soluçar...

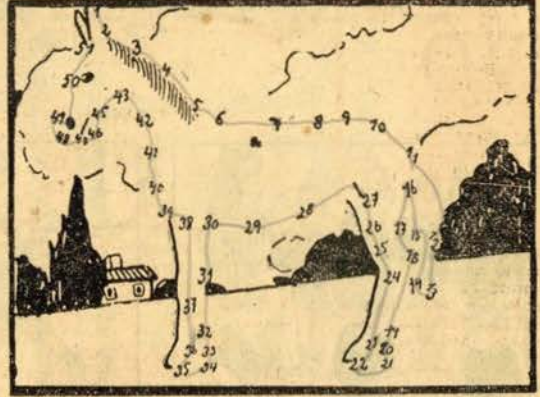
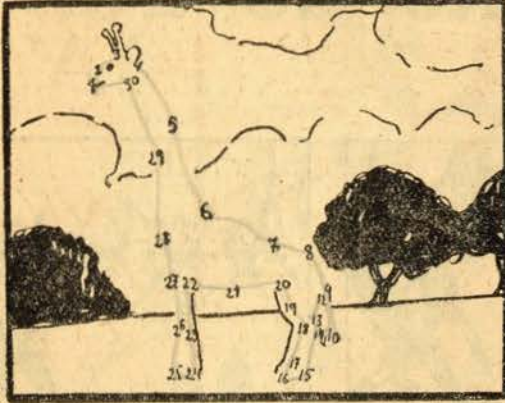
—«Pai! Pai!

Eu quero ir-me embora!»
—E o menino treme e chora...

—E' que uma certa avezinha,
que êle tinha
na doirada gaiolinha
do seu Ser,
bateu as âsas... tremeu...
e quási voou ao Céu,
talvez para lá ficar
no lugar
da que morreu...

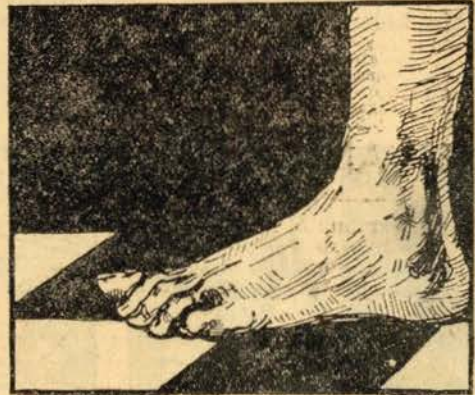
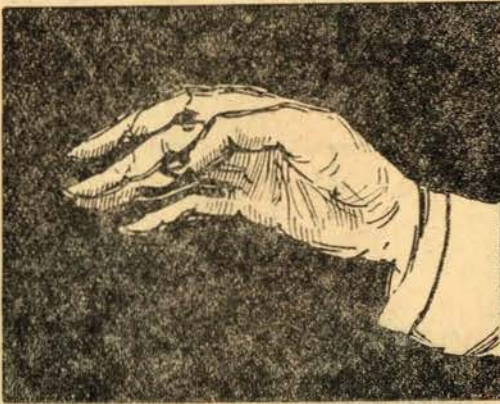
—E em sua divina graça
o Ivo,
sensato e vivo,
nunca mais voltou à caça...

LIÇÃO DE DESENHO

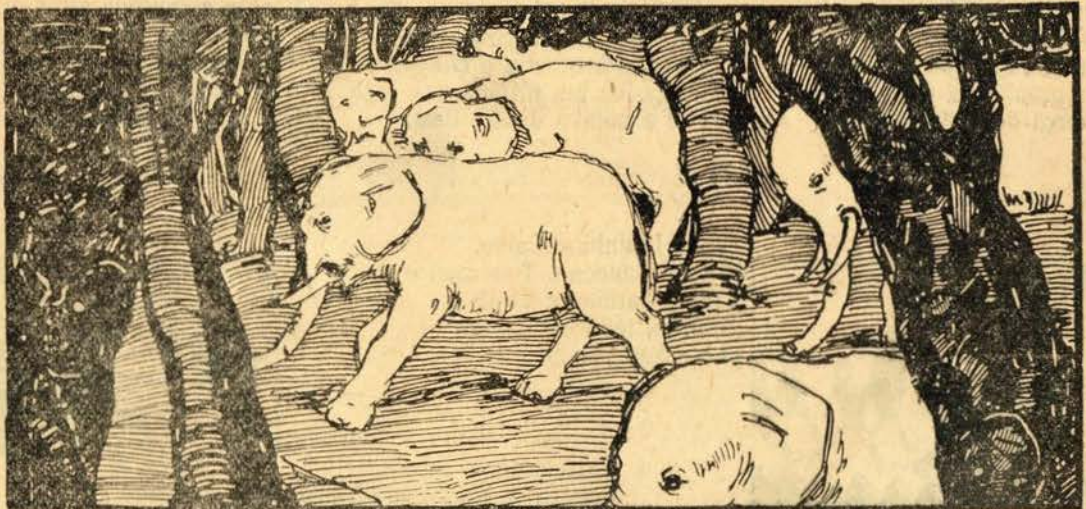


Conforme as indicações do penúltimo número

A DIVINHAS

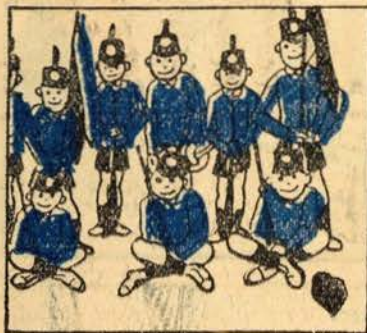


MENINOS: -- Onde se encontram os donos desta mão e deste pé?!



Esta manada de elefantes vai a fugir dum caçador que os persegue com dois ajudantes pretos. Vejam se os descobrem.

Um regimento de truz



Lala, Lalinha e Lalão,
Neca, Maneca e Tuneca,
Tata, Tatinha e Tatão,
—(Nove meninos que são
Bem levadinhos da breca)—



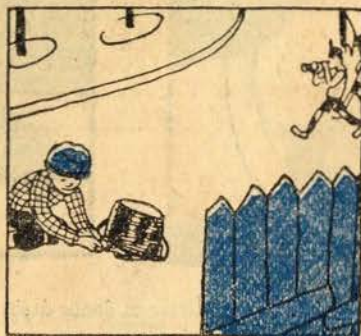
Vestidos à militar,
—(Dois segurando bandeiras,
Um outro à frente a tocar)—
Ei-los prontos a marchar
A caminho das trincheiras...



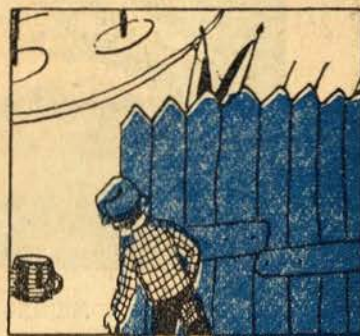
Mas ante um tal espavento
Zé Diôgo—(por alcunha
O cabecinha de vento)—
Ao ver um tal regimento
Todo na ponta da unha...



Uma bomba de tostão,
—(Das que se atiram ao ar
Por S. Pedro ou S. João)—
Comprou, para exp'rimentar
A força do batalhão.



Antes de lhe deitar fogo,
Vai buscar uma panela;
E então à bomba o Diôgo
Lança-lhe um fósforo... e logo
Põe a bomba dentro dela.



E ei-lo escondido atrás dum
Tapume que havia ao lado,
—(Velhaco como nenhum!...)—
Aguardando o resultado
Do grande e estrondoso:—Pum!;



Lala, Lalinha e Lalão,
Neca, Maneca e Tuneca,
Tata, Tatinha e Tatão...
Emfim, todo o batalhão
Lá segue por Seca e Meca.

Entretanto: — catrapus!!!
Estoira a bomba, qual tiro
Duma granada de obús,
E era uma vez, tiro-tiro,
Um regimento de truz!

